

Eric Hobsbawm: um historiador universal

Claudio Henrique de Moraes Batalha
Universidade Estadual de Campinas

A morte de Eric J. Hobsbawm, em 1º de outubro de 2012, suscitou em várias partes do mundo manifestações condizentes com o papel que esse historiador desempenhou na historiografia. Porém, no Brasil o que chamou atenção na grande imprensa foi a publicação de libelos acusatórios das opções ideológicas e políticas que realizou ao longo de sua vida. A revista semanal *Veja* (4/10/2012), campeã das salas de espera de consultórios médicos privados e das teses de direita, publicou artigo com o título “A imperdoável cegueira ideológica de Eric Hobsbawm”. Já na *Folha de S. Paulo* (10/10/2012), foi a vez de Demétrio Magnoli – um dos vários que oriundo da corrente trotskista “Liberdade e Luta” acabou como porta-voz da direita, dita liberal – acusar Hobsbawm por não haver denunciado os crimes do stalinismo, em artigo intitulado “O esqueleto que sorri”. A tônica de ambos era que Hobsbawm teria sido melhor historiador se não fosse marxista e se não tivesse assumido as posições que assumiu, no entanto, nesse caso ele jamais teria sido Hobsbawm.

Filho de pais judeus, ele britânico e ela austríaca, Eric Hobsbawm nasceu em 1917 em Alexandria (Egito), mas tinha cidadania britânica. Muito jovem, deixou o Egito e passou a infância no imediato pós-Primeira Guerra Mundial em Viena (Áustria). Ainda jovem, perdeu em pouco tempo seu pai e sua mãe e passou a viver com tios, em Berlim, no início dos anos 1930, cidade na qual tornou-se militante de uma organização de estudantes comunistas.

Em 1933, com a ascensão do nazismo sua família mudou-se para Londres e três anos mais tarde ingressaria na Universidade de Cambridge, por onde passaram a maioria dos intelectuais marxistas britânicos. Na Cambridge Vermelha, como ficaria conhecida a universidade nessa década, iniciou sua militância no Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB).

O marxismo, no caso britânico, nunca alcançou a influência acadêmica que chegou a ter em países do continente europeu, tais como a França e a Itália. Entretanto, buscou constituir um polo alternativo de interpretação da história inglesa, tradicionalmente vista como desprovida de conflito e marcada pela conciliação, por meio do Grupo de Historiadores do Partido Comunista, no qual jovens historiadores como Hobsbawm, E. P. Thompson, Christopher Hill, Raphael Samuel, entre outros, empreenderam seus primeiros trabalhos enfatizando ao longo da história inglesa a luta de classes. Em 1956, com a divulgação do relatório secreto de Nikita Krushev denunciando o stalinismo durante o XXº Congresso do

Partido Comunista da União Soviética e o esmagamento por tropas soviéticas do levante húngaro, vários partidos comunistas pelo mundo afora foram sacudidos por debates internos que acabaram suprimidos pelas suas direções. No Partido Comunista da Grã-Bretanha esse processo conduziu vários historiadores a abandonarem as suas fileiras, mas Hobsbawm preferiu permanecer. Sabia que esse era um mundo dividido e ele já fizera sua escolha de lado há tempos quando a ameaça do nazismo se concretizava.

Diferentemente de outros historiadores marxistas britânicos, Hobsbawm por sua origem e por sua formação, foi mais um historiador europeu cosmopolita, que realizou estudos sobre o Reino Unido, mas que percorria com enorme familiaridade tanto a história europeia, quanto a história de outras partes do mundo. Diversos dos seus textos fazem uso de exemplos de diversas partes do mundo, a exemplo daquilo que fez em *Nações e nacionalismos desde 1780* (1990) no esforço de estabelecer analogias entre fenômenos similares em realidades diversas.

Poucos historiadores foram capazes de abarcar uma gama tão vasta de temas quanto Hobsbawm e de transitar entre eles com tamanha facilidade. Além de sua célebre tetralogia das Eras, que sintetiza a história desde 1789, tratou de temas tais como: a história dos trabalhadores, *Trabalhadores* (1964) e *Mundos do Trabalho* (1984); as revoltas rurais na Inglaterra do século XIX, em coautoria com Georges Rudé, *Capitão Swing* (1969); o banditismo social, *Bandidos* (1969); as tradições como invenções, em coautoria com Terence Ranger, *A invenção das tradições* (1983); a longa influência da Revolução Francesa, *Ecos da Marselhesa* (1990); e até do jazz, uma das suas paixões da juventude, *A história social do jazz* (1959)

É preciso reconhecer que algumas das coletâneas, que publicou nos últimos anos, parecem mais guiadas por critérios editoriais do que pela novidade dos textos que as compõem. Coletâneas como *Pessoas extraordinárias* (1998) e a mais recente *Como mudar o mundo* (2011) agrupam majoritariamente artigos já publicados em outras coletâneas de seus textos ou nas quais participou, portanto, têm como única novidade o novo arranjo dos textos. Sua última obra inteiramente inédita foi a autobiografia *Tempos interessantes: uma vida no século XX*, de 2002. Todavia, isso não desmerece em nada a imensa contribuição historiográfica que deixou com sua vasta obra.

Hobsbawm viveu suas escolhas de forma coerente, como aconselhava Lucien Febvre, não separou a vida do historiador da vida do homem. Viveu seu tempo intensamente e soube como poucos relacionar a percepção de um mundo em mudança à sua análise da história.

Claudio Henrique de Moraes Batalha, doutor em História pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), 1986. É professor doutor do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de História, com

ênfase em História do Brasil Republicana e História Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: movimento operário, Primeira República e socialismo no Brasil e na França. Email: batalha@unicamp.br
